



A LITERATURA NA FORMAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DECOLONIAIS NO PIBID

Juciara dos Santos ¹

Zélia de Jesus Assunção²

Liliane Vasconcelos ³

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre o papel da literatura como mediadora na formação do(a) professor(a) de Língua Portuguesa, com ênfase em um olhar decolonial. O estudo parte do reconhecimento de que a prática pedagógica precisa se afastar de modelos eurocêntricos e colonizadores, propondo um ensino que valorize as narrativas plurais, as vozes silenciadas e os saberes marginalizados. Este trabalho tem como objetivo analisar o papel da literatura decolonial na formação crítica de professores(as) de Língua Portuguesa e como isso se manifesta nas práticas pedagógicas de licenciandos(as) do PIBID da Universidade Católica do Salvador no período de 2022 a 2023. A pesquisa está fundamentada em teóricos, cujas obras possibilitam uma abordagem crítica sobre identidade, território, linguagem e poder. A metodologia adotada é de caráter qualitativo, exploratório e participativo, buscando compreender as percepções, interesses e necessidades dos estudantes em relação às práticas pedagógicas, associadas à leitura e mediação literária em escolas públicas. Os resultados permitem observar que a literatura, quando abordada de forma crítica e articulada a uma pedagogia decolonial, constitui-se em um potente instrumento de formação e transformação docente. Ela promove o reconhecimento de múltiplas identidades e saberes, atendendo plenamente aos anseios decoloniais e oferecendo subsídios para discussões profundas sobre os problemas emergentes da sociedade brasileira. Inserida nos processos de formação de professores, a literatura amplia o repertório docente, fortalece as relações pedagógicas e cria vínculos mais próximos entre professores e estudantes, seja no campo do aprendizado, seja no campo do respeito mútuo. Nesse sentido, a sala de aula se torna também um espaço de acolhimento e afetividade. Além disso, ao trazer as vozes de autores que narram as condições precárias, racistas e desumanas vividas por grande parte da população brasileira, a literatura revela os problemas sociais que atravessam a escola e que, inevitavelmente, estarão presentes no cotidiano docente.

Palavras-chave: Literatura decolonial. Formação docente. PIBID. Mediação literária.

¹ Graduanda do Curso Letras Português da Universidade Católica de Salvador -BA, juciara.santos@ucsal.edu.br

² Graduanda do Curso Letras Português da Universidade Católica de Salvador -BA, zelia.asuncao@ucsal.edu.br

³ Doutora em Literatura e Cultura, Universidade Católica do Salvador- UCSAL. E-mail: liliane.vasconcelos@pro.ufsc.br



INTRODUÇÃO

A formação docente, quando mediada pela literatura e orientada por uma perspectiva decolonial, representa um processo contínuo e desafiador, que exige reflexão crítica e comprometimento com práticas transformadoras. Esse processo busca desenvolver uma compreensão crítica e emancipadora do conhecimento que o docente transmite. Envolve o desenvolvimento de habilidades práticas, a construção da identidade docente e o engajamento crítico com a realidade social.

No entanto, muitos cursos de licenciatura ainda se apoiam em currículos formais, distantes do cotidiano das escolas públicas, desconsiderando os desafios sociais e culturais enfrentados no espaço educativo. Como destaca Pimenta (1999), é preciso conceber as instituições formadoras como espaços contra hegemônicos, capazes de romper com a lógica dominante e formar educadores críticos, comprometidos com os valores da liberdade e da democracia.

Nesse cenário, literatura ocupa um papel significativo na formação do(a) professor(a) de Língua Portuguesa, não apenas como conteúdo programático, mas como um recurso pedagógico de reflexão crítica, resistência e transformação social. Em particular, as narrativas decoloniais representam uma alternativa frente à tradição eurocentrada que ainda predomina nos currículos escolares. Ao dar visibilidade a vozes e experiências historicamente silenciadas, essas produções contribuem para a valorização dos saberes marginalizados e para o reconhecimento da diversidade cultural brasileira.

Diante dessa problematização, o trabalho tem como objetivo geral analisar a contribuição das produções literárias decoloniais na formação crítica de professores(as) de Língua Portuguesa, investigando como elas auxiliam na desconstrução de narrativas eurocêntricas e na valorização de experiências culturais marginalizadas. Busca-se, ainda, compreender como essas contribuições se materializam nas práticas pedagógicas de licenciandos(as) vinculados(as) ao Programa de Iniciação de Bolsa à Docência -PIBID da Universidade Católica do Salvador entre os anos de 2022 e 2023. Como objetivo específico, propõe-se discutir o papel dessas obras na trajetória formativa do(a) educador(a); (2) compreender como práticas pedagógicas decoloniais influenciam a formação da identidade profissional do(a) professor(a) e promovem ações mais inclusivas; (3) analisar as experiências e produções pedagógicas desenvolvidas pelos licenciandos(as) vinculadas ao



Programa Institucional de Bolsa de Iniciação (PIBID) Letras Português e ao Programa de Residência Pedagógica com ênfase nas práticas decoloniais.
IX Seminário Nacional do PIBID

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), junto a turmas do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola parceira. A metodologia adotada teve caráter qualitativo, exploratório e participativo, buscando compreender as percepções, interesses e necessidades dos estudantes em relação às práticas pedagógicas.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada em análise de referenciais teóricos e das práticas pedagógicas desenvolvidas no campo do PIBID e do PRP da Universidade Católica do Salvador. O estudo se apoia teoricamente nos conceitos de colonialidade e decolonialidade, conforme propostos por Quijano (2005) e Mignolo (2010), nas contribuições de autoras e autores da literatura de resistência, como Carolina Maria de Jesus (2020), Eliane Potiguara (2004) e Itamar Vieira Junior (2019), além de autores voltados à formação docente crítica, como Arroyo (2012) e Pimenta (1999). O primeiro momento consistiu na apresentação do projeto PIBID às turmas, seguida da realização de uma escuta ativa com os estudantes, em colaboração com a professora Janaina Moitinho Werneck, coordenadora da escola. Nessa etapa, os discentes foram convidados a compartilhar sugestões de temáticas de interesse. Entre as contribuições mais recorrentes, destacaram-se: a valorização da história e cultura dos povos africanos e indígenas, a literatura negra e a promoção de debates sobre questões raciais.

Em seguida, procedeu-se a um processo de mapeamento do perfil das turmas, realizado ao longo do ano letivo de 2024 e 2025. A observação sistemática permitiu identificar as especificidades de cada grupo, contemplando alunos do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, bem como da EJA. Esse mapeamento possibilitou compreender as singularidades etárias, socioculturais e formativas dos estudantes, subsidiando a elaboração de atividades mais contextualizadas e alinhadas às identidades culturais e raciais presentes no espaço escolar. Dessa forma, a metodologia combinou escuta, observação, análise bibliográfica e documental, de modo a construir práticas pedagógicas significativas, em consonância com uma perspectiva crítica e decolonial de educação.

REFERENCIAL TEÓRICO



X Seminário Nacional do PIBID
IX Seminário Nacional do PIBID
De acordo com Maldonado-Torres (2007), a colonialidade não se encerrou com o término das colônias formais, mas continua a atuar como uma lógica de poder e conhecimento dentro dos sistemas educacionais e nas formas de interpretar o mundo.

Diante dessa realidade, a literatura decolonial emerge como possibilidade de ruptura e resistência. Ao valorizar vozes historicamente silenciadas — como as de Carolina Maria de Jesus (2020) Eliana Potiguara (2004) e Itamar Vieira Junior (2019), essa literatura oferece outros modos de pensar, sentir e narrar o mundo. Para Quijano (2005), a decolonialidade é um convite a reconfigurar as formas de conhecimento, desafiando a universalização do pensamento ocidental e abrindo espaço para a pluralidade epistêmica.

Nesse sentido, incorporação de narrativas decoloniais na formação docente constitui um gesto político que busca reconfigurar as práticas de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo em que prepara educadores para atuar de maneira crítica frente a um sistema educacional ainda excludente. Como argumenta Machado (2021), não basta garantir a inclusão formal nos documentos; é necessário construir práticas pedagógicas que efetivamente representem os sujeitos subalternizados como astros de sua história. Trata-se de preparar o educador para identificar os aprendizes em sua complexidade e diversidade, capacitando-os a atuar como agentes capazes de interpretar, agir e transformar a realidade (Freire, 2021; Arroyo, 2012; Hooks, 2017).

Dessa maneira, uma formação decolonial para professores de Língua Portuguesa mostra-se essencial para fortalecer práticas pedagógicas que desafiem a reprodução de silenciamentos e exclusões. Essa perspectiva possibilita ao docente implementar ações educativas que valorizem os saberes locais, as diversas formas de expressão e a riqueza dos múltiplos repertórios culturais, contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, plural e reflexivo. Como apontam Mignolo (2010), Santos (2010) e Freire (2021), formar-se com esse olhar é também formar-se para o enfrentamento das desigualdades estruturais por meio da linguagem — instrumentos de resistência, expressão e transformação social.

Esse tipo de produção literária torna-se um dispositivo fundamental na formação de profissionais comprometidos com uma educação plural, reflexiva e orientada pela justiça social. Seu alcance vai além do ensino tradicional de conteúdos: promove o questionamento das epistemologias eurocêntricas, desafia a colonialidade do saber e incentiva práticas pedagógicas que reconhecem e legitimam conhecimentos historicamente invisibilizados. Como aponta Mignolo (2010), a decolonialidade não se trata apenas de romper com a dominação colonial, mas de construir novos horizontes de sentido para as experiências



humanas: “O decolonialismo não era europeu, mas uma resposta às consequências globais do projeto moderno/colonial” (Mignolo, 2010, p. 6).

Essa perspectiva crítica na formação de professores permite que educadores identifiquem os efeitos da colonialidade nos currículos e reflitam sobre suas práticas pedagógicas de maneira mais engajada e transformadora. A inclusão de produções literárias decoloniais nesse processo fomenta uma ressignificação tanto dos conteúdos escolares quanto da identidade docente, pautada na valorização das diversidades culturais e linguísticas presentes no Brasil (Mignolo, 2010; Walsh, 2009; Freire, 2021).

A literatura, nesse cenário, desempenha o papel de espaço de resistência e afirmação. Conforme Mignolo (2012), obras literárias da América Latina surgiram a partir de línguas transplantadas — o português e o espanhol —, impostas durante o período colonial. Contudo, ao longo do tempo, essas línguas passaram a incorporar características próprias das culturas locais. Uma análise crítica dessas produções permite ao educador compreender a complexidade linguística, histórica e identitária que atravessa a construção dos sujeitos latino-americanos, promovendo uma prática pedagógica enraizada e atenta à diversidade cultural da região.

Quijano (2005) reforça essa crítica ao lembrar que a própria noção de América Latina é uma construção europeia destinada à dominação, “a América Latina é uma criação europeia destinada a coordenar a exploração e a coerção” (QUIJANO, 2005, p. 123).

Essa constatação convida os docentes a refletirem sobre a importância de descolonizar suas práticas, reconhecendo a literatura como caminho para dar voz às subjetividades silenciadas e construir uma educação inclusiva e crítica. Nesse sentido, Potiguara (2018) e Conceição Evaristo (2020) tornam-se centrais em sua obra “Metade Cara, Metade Máscara”, denuncia as violências históricas contra os povos originários. Eliane Potiguara defende que a literatura indígena é um instrumento fundamental para recuperar a voz historicamente silenciada dos povos originários (Potiguara, 2018).

Sua escrita promove a reconstrução da memória coletiva e o fortalecimento das identidades indígenas, destacando o poder do discurso literário como instrumento de denúncia e resistência. Já Conceição Evaristo (2020), com sua técnica da escrevi vencia, entrelaça memória, dor, ancestralidade e luta. Sua literatura não busca conforto, mas confronto, “a nossa escrevi vencia não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (Evaristo, 2020, pg. 26). Essas autoras demonstram como essa perspectiva pode ser integrada à formação docente tanto como conteúdo de estudo quanto como estratégia metodológica. Por meio de seus trabalhos, é possível oferecer aos futuros professores subsídios para desenvolver uma consciência



crítica, maior sensibilidade cultural e um compromisso com práticas educacionais que busquem transformar a realidade enfrentando questões como racismo, desigualdade e exclusão social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência vivenciada nos programas PIBID da UCSAL possibilitou aos licenciandos não apenas a inserção na rotina escolar, mas sobretudo a construção de práticas pedagógicas críticas, fundamentadas em uma perspectiva decolonial. Os resultados indicam que a presença dos bolsistas nas escolas públicas da rede estadual de Salvador-Ba, em especial na Escola Estadual Góes Calmon, localizada na Av. Dom João VI, 131 - Brotas, Salvador - BA, 40000-990, representou um espaço de aprendizagem mútua, em que teoria e prática se articulam em prol da formação docente e da valorização das identidades culturais dos estudantes.

A escuta ativa realizada com as turmas do Ensino Médio e da EJA demonstrou o interesse dos estudantes em abordar temáticas relacionadas à história e à cultura dos povos africanos e indígenas, à literatura negra e às questões raciais. Esse movimento revelou o desejo de uma educação que dialogue com suas identidades culturais, confirmando o potencial dos programas de iniciação à docência como mediadores de uma formação sensível à diversidade e às demandas sociais. Durante o ano letivo de 2023, o mapeamento das turmas permitiu compreender melhor a heterogeneidade do público escolar. No Ensino Médio, observou-se uma maior abertura para o desenvolvimento de atividades de análise textual e debates sobre racismo estrutural. Já na EJA, composta majoritariamente por mulheres adultas, muitas delas chefes de família, destacou-se o engajamento e a disposição em relacionar os conteúdos à sua própria trajetória de vida. Essa diversidade se configurou como ponto de partida para a elaboração de intervenções pedagógicas contextualizadas e transformadoras. Entre as ações desenvolvidas, destacaram-se atividades centradas em obras literárias que evidenciam perspectivas críticas e decoloniais. O trabalho com *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, constituiu-se em uma experiência significativa ao promover discussões sobre racismo estrutural e cidadania. A partir de uma oficina de produção textual, os estudantes puderam refletir sobre a realidade retratada no livro e relacioná-la a situações contemporâneas, como os episódios de racismo vividos por Vinícius Júnior na Europa. Essa atividade não apenas fortaleceu competências linguísticas, como também promoveu a criticidade e o diálogo colaborativo. Outro destaque foi a valorização de autoras e autores historicamente marginalizados, como Carolina Maria de Jesus, cuja obra *Quarto de Despejo* permitiu à turma



do EJA refletir sobre as desigualdades sociais e raciais a partir da experiência de uma mulher negra periférica.

Da mesma forma, o trabalho com o conto *As Mãozinhos dos Pretos*, de Luís Bernardo Honwana, promoveu debates sobre identidade e valorização da cultura africana, contribuindo para o fortalecimento da autoestima dos estudantes e a desconstrução de estereótipos racistas. Essas experiências reforçam a relevância das práticas pedagógicas decoloniais, que reconhecem a centralidade da voz dos sujeitos historicamente silenciados. Como assinala Quijano (2005), a colonialidade do poder estrutura desigualdades raciais e sociais que a escola, muitas vezes, reproduz. Nesse sentido, as práticas realizadas no PIBID e no PRP caminharam na contramão dessa lógica, ao integrar literatura, história e representatividade como eixos formativos. Por fim, a pesquisa sobre a história do bairro Cosme de Farias e da trajetória de Major Cosme de Farias representou um exercício concreto de descolonização curricular, ao valorizar figuras negras e suas contribuições para a sociedade. A atividade não apenas aproximou os estudantes de sua realidade local, como também possibilitou novas formas de pensar o território e a identidade. Assim, os resultados evidenciam que os programas PIBID se constituem como espaços potentes de formação docente, capazes de articular teoria e prática, repensar os conteúdos escolares a partir de perspectivas decoloniais e contribuir para a construção de uma escola mais inclusiva, crítica e socialmente comprometida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que a literatura, quando trabalhada sob a perspectiva decolonial, constitui-se em um recurso pedagógico fundamental para a formação de professores de Língua Portuguesa. A reflexão proposta permitiu problematizar os currículos tradicionais dos cursos de Letras, apontando para a necessidade de incorporar saberes plurais e reconhecer a literatura como estratégia de resistência, crítica e emancipação docente.





Os objetivos delineados foram alcançados ao demonstrar que a formação do professor não pode se restringir à dimensão técnica, mas deve englobar a construção de uma postura sensível, ética e questionadora diante das estruturas de poder que atravessam a escola e a sociedade. As experiências vivenciadas pelas licenciandas nos programas PIBID reforça a relevância de práticas pedagógicas contextualizadas, capazes de dialogar com as identidades e demandas sociais dos estudantes. Tais vivências impactaram diretamente na formação docente, favorecendo maior compreensão da realidade escolar, aprimoramento metodológico e ampliação da criticidade frente aos desafios da educação pública. Conclui-se, portanto, que a literatura, aliada a uma pedagogia decolonial, não apenas amplia repertórios culturais e acadêmicos, mas também fomenta a construção de uma docência comprometida com a transformação social, a valorização da diversidade e o fortalecimento de práticas educativas inclusivas e emancipadoras.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas:** trajetórias e tempos de alunos e mestres. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRUNO, João Paulo da Silva. **Educação e práticas decoloniais:** diálogos e desafios na formação docente. Salvador: EDUFBA, 2018.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Formação de professores:** questões e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.



CAPES. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).
Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/pibid>. Acesso em: 27 maio 2025.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O desafio da educação das relações étnico-raciais e da diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: LUZ, Madel (org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 87-104.

HONWANA, Luís Bernardo. As mãos dos pretos. In: BRAGANÇA, Albertino et al. **Contos africanos: dos países de língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2021. p. 20-144.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição comemorativa de 60 anos. São Paulo: Ática, 2020.

MACHADO, Ana Maria de Oliveira. **Práticas pedagógicas e formação docente: uma abordagem decolonial**. São Paulo: Cortez, 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre a colonialidade do ser: contribuições ao desenvolvimento de um conceito**. In: CASTRO-GOMES, Bento (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. 1. ed. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007. p. 71-106.

MIGNOLO, Walter. Epistemologias do Sul e pensamento decolonial. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESSES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 283-321.

MIGNOLO, Walter D. **Epistemologias do Sul e o futuro do pensamento crítico**. Curitiba: CRV, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática e prática de ensino: interfaces**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

POTIGUARA, Eliana. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2004.



QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** Decolonialidade, 2005, p. 123.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **Educação e desigualdade no Brasil:** limites e possibilidades da escola pública. São Paulo: Cortez, 2022.

ROCHA, Maria Aparecida Barbosa da. **A formação docente na perspectiva da diversidade cultural.** Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010. 637 p. Disponível em: repositorio.ufba.br/bitstream/ri/39111/1/Alex Oliveira do Lago. TCC - Tese de Doutorado.pdf. Acesso em: 28 mai. 2025

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73–102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado.** São Paulo: Todavia, 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/download/13933/7924/48396>. Acesso em: 26 mai. 2025